Cereais de inverno — safra argentina de trigo preocupa

A safra de inverno vem tendo bom desenvolvimento no campo, mas as perspectivas da comercialização são inquietantes, em razão de a safra de trigo da Argentina vir registrando poucos problemas, o que poderá confirmar colheita abundante, que prejudicará a remuneração do triticultor brasileiro.

Na entrevista deste número de *Agroanalysis*, o prof. Guilherme Dias, secretário de Política Agrícola do governo federal, tocou em alguns aspectos fundamentais da safra de inverno, cujo produto mais destacado é o trigo. Em síntese, a este respeito, comentou que:

a) produtores e setor agroindustrial ficaram um tanto "perdidos" por muito tempo, após o fim da regulamentação estatal sobre a comercialização do produto;

b) a agroindústria de alimentos ligada aos cereais está-se sofisticando com rapidez, o que induz mudança no âmbito da agricultura;

c) apesar do avanço das variedades superiores no plantio, ainda há problemas quanto à classificação do produto colhido;

d) o zoneamento agrícola é essencial, veio para ficar e, doravante, será mais bem comentado e divulgado pelos órgãos públicos.

O governo tenta ajudar a triticultura, quando há o temor de que a Argentina efetivamente colha muito.

Na safra dos cereais de inverno, cuja colheita está-se iniciando em algumas regiões, todas essas questões são discutidas amiúde e, a prevalecerem as condições climáticas favoráveis de até meados de setembro, colher-se-á um bom resultado. Em todas as áreas, temem-se duas coisas: primeiramente, que ocorram chuvas fortes durante a colheita e, em segundo lugar, mas não menos preocupante, que a safra da Argentina venha a ser efetivamente recorde. Neste aspecto, tem-se o relato de clima ainda bastante propício para a triticultura brasileira, excetuando-se algumas áreas afetadas pela seca, que, aliás, também tem-se manifestado em regiões produtoras argentinas.

Trigo — inquietações quanto à comercialização

Na recente teleconferência realizada por quatro membros da equipe de *Agroanalysis*, em Curitiba, foram apresentadas opiniões sobre os desempenhos próximos das lavouras de algodão, feijão, milho, soja e trigo, além do comportamento dos insumos e da política agrícola. Entre os produtos em questão, apenas do trigo não pôde ser feito um prognóstico de tendências de plantio, pois sua safra é a de inverno e já estava semeada. No entanto, em razão do grande crescimento esperado para a produção deste ano, derivado dos elevados preços no mercado mundial, a expectativa quanto ao futuro da atividade e sua importância histórica para o Paraná fez com que o cereal entrasse na pauta.

Um fator de perturbação do mercado internacional, que afetará os preços e a disposição do agricultor brasileiro de continuar recuperando espaços para o trigo, é a anunciada grande safra da Argentina. Da mesma forma que os brasileiros investiram na triticultura, este ano, possibilitando calcular-se uma safra maior do que o dobro da colhida em 1995, os argentinos, responsáveis por 70% das aquisições brasileiras de trigo no exterior, anunciaram que poderiam voltar a produzir 15 milhões de toneladas na colheita vindoura (ver tabela 1).

No início de agosto último, a Sociedade Rural Argentina anunciou aumento da área plantada de 32% que, não havendo problemas climáticos, poderia render a grande safra. Naquele momento, cerca de 60% da área estavam cultivados e o país, em razão de dificuldades na gestão da política econômica, efetivamente precisava de um anúncio positivo. As primeiras estimativas da ampliação da semeadura referiam-se a crescimento de 25%. Isto poderá levar o excedente exportável argentino a algo em torno de 7,5 milhões de toneladas, contra 4,3 milhões de 1996.

Em termos de preços, segundo a Federação da Agricultura do Estado do Paraná, o preço contratado do trigo argentino, para dezembro, estava em US$210,00, com prazo de pagamento de 180 a 360 dias. A preocupação com o efeito da grande oferta dos vizinhos surgiu quando se projetaram preços de até US$170,00 na entrada da safra, pois a nova produção brasileira esperava remuneração em torno de US$220,00/t.

Corroborando a estimativa argentina, o adido agrícola norte-americano em Buenos Aires ampliou a estimativa da safra de 13 milhões, em julho, para 14 milhões de toneladas, em agosto. É o mesmo número divulgado pelo *Relatório Mundial de Oferta e Demanda* do USDA. Segundo o adido, a área plantada poderá chegar a 7 milhões de hectares, o que, com perdas "nor-

Tabela 1
Argentina — produção, exportação e estoque final
1960/61 a 1995/96 — em mil toneladas

Ano	Produção	Exportação	Est. final	Ano	Produção	Exportação	Est. final
1960/61	3.960	1.094	764	1978/79	8.100	4.080	1.103
1961/62	5.725	2.717	243	1979/80	8.100	4.755	428
1962/63	5.700	1.796	504	1980/81	7.780	3.845	413
1963/64	8.940	3.460	2.213	1981/82	8.300	3.638	775
1964/65	11.260	6.287	3.340	1982/83	15.000	9.870	1.056
1965/66	6.079	5.586	175	1983/84	12.750	7.847	1.259
1966/67	6.247	2.233	245	1984/85	13.200	9.408	451
1967/68	7.320	2.199	1.008	1985/86	8.500	4.300	251
1968/69	5.740	2.494	850	1986/87	8.930	4.435	220
1969/70	7.020	2.322	780	1987/88	8.800	3.705	815
1970/71	4.920	969	675	1988/89	8.400	4.034	481
1971/72	5.680	1.629	370	1989/90	10.150	6.060	31
1972/73	6.900	3.193	269	1990/91	10.900	5.592	822
1973/74	6.560	1.582	1.026	1991/92	9.880	5.780	345
1974/75	5.970	1.784	714	1992/93	9.800	5.850	45
1975/76	8.570	3.162	1.600	1993/94	9.700	4.996	449
1976/77	11.000	5.900	1.176	1994/95	11.300	7.300	149
1977/78	5.700	1.775	1.103	1995/96	8.600	4.300	149

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA.

mais" de 3 a 5%, resultará na área final entre 6,5 e 6,6 milhões de hectares. Na mesma ocasião, também foi recalculada a safra 1995/96, que passou de 8,8 para 9 milhões de toneladas, a partir da área cultivada de 4,8 milhões de hectares, da quantidade já vendida, da que ainda se encontra nas mãos dos agricultores e da capacidade de armazenamento do país. Para o USDA, a produção de 1995/96 foi de 8,6 milhões de toneladas.

De acordo com a agência Reuters, o adido expressou preocupação quanto à possibilidade de o trigo argentino "inundar" o mercado na próxima colheita, em dezembro e janeiro. Considerando que a capacidade de estocagem argentina é tida como insuficiente para o tamanho esperado da safra, haverá grande pressão sobre as cotações locais. Deste modo, os meses de janeiro e fevereiro terão "o trigo mais barato do mundo" na Argentina, o que atrairá imediatamente compradores da China e do Egito, entre outros.

De fato, o preço do trigo em Chicago apresentou recuos, também em função da coincidência das colheitas norte-americanas. Os EUA produzem duas grandes safras principais, a de inverno e a de primavera. A primeira é plantada de fins de setembro a fins de novembro e se desenvolve de dezembro a março. Colhe-se de junho a setembro. A de primavera é plantada em abril e maio e colhida entre agosto e outubro. A safra de inverno espalha-se por mais de 40 estados e representa 78% da produção do país, com quatro tipos principais: *hard red winter, soft red winter, white winter* e *durum*. O *hard red winter* detém quase a metade da produção de inverno (48%); as demais têm, respectivamente, 26, 20 e 6%.

No Brasil, nem bem começou a colheita e os preços do cereal caíram acentuadamente. Em Toledo, Paraná, diminuíram, de R$15,50/saca de 60kg, para R$10,00/60kg. Até meados de agosto, os preços tinham caído mais de 20%, embora só houvesse preços nominais, pois esperava-se que, até o fim do mês, só estivessem colhidos no máximo 10% da safra paranaense. Evidentemente, os moinhos adiaram suas compras, pois os preços internos ainda chegavam aos R$210/t e o produto argentino, para entrega no primeiro trimestre de 1997, estava sendo cotado abaixo dos US$170,00/t. Afetará a todos, porém, o que acontecerá com a produção dos fazendeiros além da fronteira gaúcha, na vizinha Argentina. Quando o plantio se iniciava, os preços ao produtor chegavam aos R$230,00/t, extremamente favoráveis, pelos padrões locais. Estimou-se que chegariam aos R$150,00 quando do começo da colheita e, hoje, já há quem fale em até R$120,00/t.

Caso a safra argentina se confirme na faixa de 15 milhões de toneladas, portanto, os importadores brasileiros estarão por lá disputando o produto e o triticultor do país deverá, obrigatoriamente, perseverar em seus esforços de modernização da atividade (90% da produ-

ção paranaense e entre 80 e 85% da gaúcha provêm de variedades superiores), adequando-a às necessidades das indústrias, e de redução dos custos mediante ganhos de produtividade. No que se refere ao total das compras, a Abitrigo estima que os moinhos brasileiros adquirirão perto de 6 milhões de toneladas na Argentina, o que corresponderá à quase totalidade das importações, sobrando pouco para outros fornecedores.

Para atenuar as preocupações quanto à comercialização, o Ministério da Fazenda encaminhou, em fins de setembro, *ad referendum* do Conselho Monetário Nacional, proposta de linha de crédito para os moinhos adquirirem o trigo diretamente dos agricultores. Isto facilitará o escoamento da safra brasileira, que costuma ser bastante prejudicada pelas melhores condições de pagamento disponíveis para a aquisição do produto importado. Também se libera o crédito até R$30 mil para o trigo de qualidade inferior, destinado à fabricação de ração. A proposta é de financiamento com duplicatas e NPR com prazo de seis meses e juros de 12% ao ano, o que ajuda, mas ainda não iguala alternativas de compra no exterior.

Visão geral dos cereais de inverno

Em termos da situação no campo, na última semana de setembro, a colheita paranaense de trigo situava-se pouco acima de 16% do total esperado para a safra. De acordo com o Departamento de Economia Rural/PR, a área plantada deve estar entre 1,04 e 1,09 milhão de hectares e, com a produtividade física média da ordem de 1.700kg/ha que vem sendo conseguida, dever-se-á colher algo em torno de 2 milhões de toneladas. A mais recente estimativa oficial, do IBGE, correspondente às condições de julho, é de uma safra de 1,899 milhão de toneladas, -4,4% com referência à previsão de junho, que foi de 1,985 milhão de toneladas (ver tabela 2).

No Rio Grande do Sul, segundo principal estado produtor, a maior parte dos cálculos da extensão da área semeada do trigo está em torno de 550 mil hectares, mas o CNPTrigo, da Embrapa, acredita que pode ter sido semeada área um pouco mais extensa. As principais sementes empregadas (o estado vendeu muito para o Paraná) foram a Embrapa-16 e CEP-24, com 83% do total e que poderão render entre 1.700kg/ha e 1.800kg/ha, o que resultará em até 935 mil toneladas.

Foram localizados focos de ferrugem na região das Missões (a triticultura gaúcha hoje se distribui entre o Planalto Médio e as Missões), de fácil controle, segundo a Embrapa. No momento, a seca não afeta os trigais, até os favorece, e as precipitações têm sido adequadas, com um inverno em geral frio e seco.

De acordo com a Embrapa, não foram encontrados problemas de pragas, 60% das lavouras estão em fase final de emborrachamento, 25% em florescimento e o resto ainda apresenta grãos leitosos. A colheita gaúcha começa no início de outubro e sempre se teme pelas chuvas no período.

Nos demais estados, a triticultura reduziu-se a quantidades insignificantes, mas o incremento deste plantio foi algumas vezes espetacular. No caso do estado de Goiás, por exemplo, a área semeada aumentou 487%. Em Mato Grosso do Sul, a ampliação do cultivo foi de 116% e, em Santa Catarina, de 109%. Relativiza-se o sucesso, ao ser observada a base sobre a qual se deu a expansão. Relata-se, porém, que seu desempenho também tem sido positivo.

As perdas que ocorreram nos trigais paranaenses localizaram-se nas regiões do Norte Velho e Noroeste, em razão da seca. Nas regiões Oeste e Centro-Oeste do estado, porém, as lavouras apresentam bom desenvolvimento e o clima frio, sem geadas, tem sido considerado excelente. A Secretaria da Agricultura paranaense calcula que mais de 90% das sementes empregadas tenham sido de variedades superiores.

A produção dos demais cereais de inverno é também pequena no estado, mas igualmente se desenvolveu bem, destacando-se a cevada que, no entanto, é mais exigente quanto à disponibilidade de água do

Tabela 2
Brasil — produção de trigo
Safras de 1995 e 1996

UF	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	1995	1996	1995	1996	1995	1996
Paraná	636.516	1.055.000	1.068.689	1.899.000	1.679	1.800
Rio Grande do Sul	270.247	545.780	334.525	916.896	1.238	1.680
Santa Catarina	53.875	119.264	53.875	119.264	1.507	1.600
Mato Grosso do Sul	23.625	51.000	19.786	61.200	838	1.200
São Paulo	23.800	30.800	40.400	50.700	1.697	1.646
Goiás	899	5.274	3.613	19.429	4.019	3.684
Minas Gerais	3.102	4.580	13.260	19.311	4.275	4.235
Brasil	933.928	1.766.954	1.534.148	3.085.800	1.544	1.746

Fonte: IBGE.

Tabela 3
Brasil — produção de cevada
Safras de 1995 e 1996

UF	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	1995	1996	1995	1996	1995	1996
Rio Grande do Sul	44.872	52.734	65.956	89.074	1.470	1.689
Paraná	21.366	24.000	32.282	62.400	1.511	2.600
Santa Catarina	3.220	1.975	6.396	4.150	1.986	2.101
Brasil	69.458	78.709	104.634	155.624	1.506	1.977

Fonte: IBGE.

Tabela 4
Brasil — produção de aveia
Safras de 1995 e 1996

UF	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	1995	1996	1995	1996	1995	1996
Paraná	99.144	88.500	119.310	132.750	1.203	1.500
Rio Grande do Sul	49.375	45.571	47.378	53.069	960	1.165
Santa Catarina	12.255	14.255	10.518	14.533	858	1.020
Brasil	160.774	148.326	177.206	200.352	1.102	1.351

Fonte: IBGE.

Tabela 5
Brasil — produção de centeio
Safras de 1995 e 1996

UF	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	1995	1996	1995	1996	1995	1996
Rio Grande do Sul	1.632	2.922	1.889	4.091	1.157	1.400
Paraná	905	1.350	588	2.025	650	1.500
Santa Catarina*	110	110	114	114	1.036	1.036
Brasil	2.647	4.382	2.591	6.230	979	1.422

Fonte: IBGE.
* O *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola* repetiu os números de 1995 em 1996.

que o trigo e pode vir a ter problemas. Aliás, como se pode ver nas tabelas de 3 a 5, o Rio Grande do Sul supera o Paraná no total das safras de cevada e de centeio, mas perde no de aveia.

Os demais cereais de inverno também têm apresentado desempenho favorável. O principal é a cevada, que conta com 25.150ha plantados no Paraná (o IBGE estima 24 mil hectares, conforme a tabela 3). Sua produção está sendo esperada no intervalo entre 64.200 e 67 mil toneladas, espalhados pelas regiões de Guarapuava, Ponta Grossa, Irati, Curitiba e União da Vitória. A plantação se encontra nas fases de floração e frutificação. A maior parte da produção está vinculada a contratos de venda às cervejarias.

Outro cereal de alguma relevância é a aveia branca (a preta serve para ração eqüina). Utilizada para consumo humano e bem considerada nos países desenvolvidos como agente positivo no combate ao colesterol, tem no Paraná 36 mil hectares plantados e se concentra no Norte do estado, que planta mais cedo e já colheu 35% do esperado, com rendimento obtido de 1.792kg/ha. Espera-se colheita de até 64 mil toneladas. No ano passado, segundo o Deral/PR, foram cultivados 20 mil hectares. A produção conjunta de aveia está apresentada na tabela 4.

O triticale, híbrido de trigo e centeio, vem bem atrás, com 6 mil hectares cultivados e apenas 2% da safra colhidos, enquanto o centeio estende-se por 1.422ha e tem produção esperada de 2.600t. O IBGE a estima em nível inferior (ver tabela 5). Seu calendário acompanha o da cevada e ainda não tinha iniciado a colheita, até meados de setembro.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA